

## De Professor Fishlow a Albert: Uma Trajetória Pessoal

Em setembro de 1984 comecei meus estudos de pós-graduação em Economia na University of Illinois. O departamento era um dos poucos nos Estados Unidos onde a disciplina “Historia Econômica” ainda era obrigatória. O primeiro trabalho requerido para este curso foi uma análise da Grande Depressão dos anos 30 e eu optei por estudar o seu impacto sobre a economia brasileira. No artigo mencionei a teoria de Alexander Gerschenkron sobre o papel positivo que o “atraso econômico” (economic backwardness) pode ter no processo de desenvolvimento e citei, várias vezes, o trabalho de Fishlow sobre substituição de importações no Brasil.

Ao receber de volta o trabalho me deparei com os seguintes comentários de Larry Neal, o professor que ministrava o curso: “Você sabia que Fishlow foi orientando de Gerschenkron e, por sua vez, meu orientador?” e continuava: “Poucos pesquisadores possuem a habilidade de Albert para associar teoria econômica, rigor no trato da evidencia empírica, capacidade de síntese e sensibilidade na avaliação política dos eventos que estuda. Sua capacidade analítica é um ponto fora da curva e seus trabalhos são exemplos de excelência acadêmica. Se você se interessa por história e desenvolvimento econômico use o trabalho de Fishlow como referência”.

Minha opção por cursar o doutorado na University of Califórnia em Berkeley foi, sem dúvida alguma, determinada pela oportunidade de estudar com o Professor Fishlow, em um dos melhores departamentos de economia dos Estados Unidos. Esta escolha foi partilhada por vários alunos interessados em desenvolvimento econômico.

Por lá já haviam passado Regis Bonelli, Andrea Callabi, Pedro Malan e Paulo Zagen. A cada ano o número de alunos interessados no tema crescia e passamos a formar um grande grupo de autodeclarados “Fishlow Boys (and Girls!)”. Assim, tive a oportunidade de ser contemporâneo, ao menos parcialmente, de Afonso Bevilacqua, Alexandre Schwartzman, Ana Novaes, Ariel Fiszbein, Armando Castellar, Aslan Cohen, Demosthenes Pinho, Eduardo Fernandez-Arias, Eduardo Rios-Neto, Gesner Oliveira, Gustavo Gonzaga, Helen Shapiro (vinda de Yale), Lauro Ramos, Mauricio Cardenas, Ricardo Velloso, William Maloney, entre vários outros.

Mas a atração exercida pelo Professor Fishlow não se limitava aos alunos que vinham para Berkeley cursar seu doutorado. Enquanto lá estive, vários

economistas, de diferentes centros de pesquisa e matizes teóricas, visitaram o departamento: Aloisio Araujo, Carlos Braga, Carlos Luque, Edmar Bacha, Luis Martins, Maria da Conceição Tavares, Mauricio Barata, Sulamis Dain, entre outros. Se somarmos a estas listas, não exaustivas, seus alunos de Yale e de Columbia, obtemos uma amostra da importância e do alcance de Fishlow no mundo acadêmico, nos círculos de policy making e no setor privado brasileiro e latino americano em geral.

A interação dos alunos com Fishlow se dava em diversas instâncias. Ele ensinava o curso de Desenvolvimento Econômico I, matéria obrigatória para os que escolhiam este campo de estudos. O curso era um amplo e profundo panorama da disciplina. Neste caso, o contato a mais personalizado se dava nos horários de atendimento (office hours). Dado o número de alunos e orientandos que o requisitavam, disputávamos estes horários intensamente!

Os seminários regulares eram a melhor oportunidade que tínhamos para interagir com Fishlow. Este era o fórum onde podíamos apresentar nossos trabalhos e, dado que isto era feito de maneira pública, todos se esforçavam para fazê-lo com excelência e para extrair suas sugestões e seus comentários. Estes, mesmo quando críticos e, por vezes duros, eram sempre “insightful” e construtivos.

Um elemento importante, talvez o crucial, na formação dos alunos era o trabalho de tese. O momento de maior interação com Fishlow era o da escolha do projeto a ser desenvolvido. Ele motivava e auxiliava seus alunos, tanto na escolha dos temas quanto da metodologia a ser utilizada na pesquisa. Mas interferia muito pouco na elaboração das dissertações. Isto causava, em vários de nós, uma certa sensação de frustração. Este sentimento, entretanto, era aliviado pela certeza de que Fishlow não nos permitiria apresentar às bancas dissertações que não estivessem à altura do exigido.

Hoje penso que este distanciamento era uma postura deliberada que visava respeitar os alunos e não interferir em um trabalho que deve ser eminentemente pessoal. A elaboração da tese era uma espécie de ritual, semelhante à celebração de um Bar-Mitzvá. Neste processo o rabino ou professor apresenta ao jovem aluno o trecho da Bíblia a ser lido, seus comentários e a melodia usualmente utilizada na prece. Mas o momento da leitura pública é só dele. O menino, com sua voz embargada e desafinada, com as hesitações que naturalmente o acometem, mas com a determinação de ir até o fim, a faz só. Ninguém pode fazê-la em seu lugar. Ao término da

travessia o jovem passa a ser considerado um adulto, com o reconhecimento que deriva desta condição e com as responsabilidades que ela impõe.

Da mesma forma, a elaboração e defesa da tese constituem um rito de passagem. Com a sua aprovação o doutorando torna-se um membro pleno, ao menos em potencial, da comunidade acadêmica. A distância adequada entre orientador e orientando é um elemento intrínseco da produção da dissertação. Ao adotá-la, Fishlow preservava o caráter pedagógico e a integridade do processo.

...

Em seus estudos sobre o desenvolvimento econômico Fishlow busca sempre avaliar, de forma rigorosa, a contribuição relativa de diversos fatores para a determinação de um dado resultado. Esta avaliação requer uma formulação teórica que possibilite a identificação das consequências de mudanças das principais variáveis envolvidas. A combinação da teoria com estimativas empíricas dos valores dos parâmetros relevantes, permite esboçar explicações para os eventos observados e mensurar a contribuição relativa de cada fator. Dificuldades estatísticas à parte, aqui incluídas a qualidade e/ou disponibilidade dos dados, o método impõe rigor à análise. Esta metodologia de pesquisa se desenvolve sobre um pano de fundo marcado pelo que se pode chamar de “Crítica Gerschenkroniana” ao modelo de Walt Rostow. Ao invés de etapas pré-definidas e requisitos estritos para o desenvolvimento econômico, entende que o atraso econômico relativo pode exercer um papel positivo no processo de industrialização, auxiliado pela intervenção estatal. Esta visão abrangente do processo de desenvolvimento, a preocupação com a consistência teórica das análises específicas, o cuidado no trato dos dados e a contextualização política, são características não apenas da obra de Fishlow, mas também da natureza de sua influência sobre seus alunos.

Cheguei a Berkeley exatamente no meio da década de oitenta e a crise da dívida externa dominava todas as discussões. Os nossos interesses se concentravam, naturalmente, no estudo de políticas econômicas que permitissem a superação dos problemas na balança de pagamentos, da hiperinflação e da estagnação econômica do país. Entendíamos a crise como o resultado de políticas de desenvolvimento que ignoravam as restrições orçamentárias e externas, assim como as implicações do acúmulo de efeitos não intencionais e indesejados que geravam. Como corrigir a rota?

Discutíamos bastante o papel do Estado como indutor do desenvolvimento. O contraste entre o sucesso do modelo Asiático, voltado para exportações, e as dificuldades pelas quais passavam os países que haviam optado por um modelo rígido de substituição de importações, colocava inúmeras questões. Qual a importância relativa dos diversos fatores explicativos possíveis? Qual o papel da disciplina macroeconômica na obtenção dos resultados? Quais as consequências da escolha do regime de comércio e integração financeira internacional? Qual o papel da intervenção governamental? Como avaliar a eficácia, ao longo do tempo, das diversas modalidades de intervenção estatal? Qual contribuição da educação para a diferença observada? E da distribuição de renda? Qual a contribuição do regime político para os resultados verificados? Era uma ampla agenda de pesquisa, ou agendas de pesquisa, que, apesar de todo o conhecimento gerado e adquirido, mantém a sua atualidade.

No debate sobre estes temas surgia, com frequência, a noção de que países em desenvolvimento são diferentes, cada um a seu modo, e que as fórmulas tradicionais de lidar com estes problemas nos países desenvolvidos não funcionam no “Sul”. Fishlow, atento às peculiaridades destes países, mas avesso às respostas simplistas, não se satisfazia com estas afirmações. Insistia que cada fator diferenciador deveria ser identificado, sua contribuição estimada, suas consequências analisadas e, quando pertinente, políticas adequadas às circunstâncias, propostas. Esta abordagem é, possivelmente, um legado de sua formação em História Econômica e de sua preocupação permanente não apenas com os riscos das generalizações, mas também com os benefícios de suas possíveis extensões.

Ao longo dos anos desenvolvemos uma bela amizade. Ficamos mais próximos. Costumo encontrá-lo regularmente em minhas viagens a New York. Descobrimos afinidades na história de nossas famílias, na relação com o Judaísmo e em várias outras dimensões de nossa vidas. Cada vez mais reconheço a pertinência da recomendação recebida no começo do meu mestrado: “Se você se interessa por história e desenvolvimento econômico use o trabalho de Fishlow como referência”. O tempo me mostrou, porém, que além de fonte de conhecimento, Albert é fonte de sabedoria e inspiração.